

Cultura e o chão comum da vida

MARCELO RAMOS SALDANHA*

HENRIQUE ECHEVERRIA**

Resumo: Este artigo pretende analisar a questão da cultura e da interculturalidade a partir do viés da fenomenologia material de Michel Henry. Em sua teoria da cultura, Henry ateu-se na busca pelo que é radical, ou seja, o modo segundo o qual a cultura se fenomenaliza originalmente: a sua substância. Ao procurar a matéria fenomenológica da qual a cultura é feita, Henry constatou que a Vida é o *a priori* que torna possível qualquer dado *a posteriori*; por isso, a Vida é o elemento constituinte da cultura, o que nos permite compreender a *humanitas* a partir da subjetividade, e essa é reconduzida à sua dimensão de imanência radical. Assim, compreendemos que a relação entre os humanos se baseia primordialmente no nosso nascimento comum como filhos da Vida, tal como defendido por Michel Henry em *C'est moi la vérité*. Tendo esse nascimento comum como pressuposto, compreendemos a relação comunitária dos seres humanos a partir da condição ontológica comum a todos, que é o nosso status de seres afetáveis

* Teólogo e Doutor em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, com financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil. marcelo.saldanha@gmail.com. Rua 24 de Janeiro, 62, apt 103. Carazinho – RS/ Brasil. CEP: 99500-000. Telemóvel: +555194192410.

** Acadêmico de Teologia nas Faculdades EST, no Brasil, e membro do grupo de pesquisa em Teologia e Interculturalidade na mesma instituição. henriqueviana@gmail.com. Rua André Rebouças, 108, Ap. 207. São Leopoldo – RS/ Brasil. CEP: 93010-110. Telemóvel: +555182151121.

e afetivos, o que faz do afeto o elemento constitutivo de nós mesmos e a fraternidade da existência como consequência da auto-doação da Vida.

Palavras-chave: cultura, interculturalidade, vida, afeto, existência.

Abstract: The objective of this article is to analyse culture and interculturalism. In his culture theory, Henry focused on the search for the radical, the way culture originally phenomenizes: its substance. Searching for the phenomenological subject of which culture is made, Henry noticed that Life is the *a priori* that turns possible anything *a posteriori*. Therefore, Life is a culture's component, what makes us understand humanitas through subjectivity and reappoint it to its radical immanence dimension. We understand then, that human relation is based primordially in our common birth as Life sons, as defended by Michel Henry in *C'est Moi la Verité*. Based on this common birth, we understand humans community relation by the common ontological condition, which is our affable and affective status. That makes the affection a constructive element of ourselves and the fraternity of existence as a consequence of Life self-donation.

Keywords: culture, interculturalism, life, affection, existence.

Considerações iniciais

Nas grandes proporções de sua tela *Navio de emigrantes*¹, o judeu brasileiro Lasar Segall nos apresenta a fragilidade da existência humana diante da imensidão do mar e a fraternidade do destino daqueles que se veem obrigados pela fome e pela guerra a cruzar mares em busca de condições mínimas de vida, condições estas que lhes são roubadas em seu solo natal. O marrom predominante, a composição orgânica e os muitos retratos distribuídos pela cena nos transmitem a tristeza e o sofrimento de uma multidão de humanos (casais e solitários, adultos e crianças) que, mesmo depositados num navio precário, fazem das lembranças e esperanças o elemento humanizador que impede a brutalização que lhes é imposta pelo cansaço e pelas más situações da viagem.

Em contraponto à massificação do grande plano do convés do navio, Segall enche a cena de pequenos retratos, apresentando os emigrantes que se abarrotam naquele espaço a partir do contexto da revelação da Vida em cada Si vivo, de modo que eles são uma massa, uma representação ou uma abstração social, mas humanos habitados pelas muitas modalidades da Vida.

¹ Esse óleo com areia sobre tela de 1939/1941, pertencente ao acervo do Museu Lasar Segall, em São Paulo, mede 230×275 cm.

O ponto de fuga localizado na proa do barco aponta para o que há de vir, para um mar que, mesmo revoltado e imenso, há de ser vencido pelo anseio de novas possibilidades, o que nos remete ao incansável movimento de acréscimo na Vida. Vida, que se manifesta em nós como trindade afetiva (Vida/Filiação/vivência), que faz de nós filhos e filhas num "mesmo movimento amoroso, afetivo"², de modo que experienciamos todos a "violência de uma auto-revelação sem recuo nem reserva"³, mas que, pela dádiva da própria vida, faz modalizar o sofrimento em fruição.

Escandalosamente, ainda hoje se pode pintar um navio abarrotado de pessoas a cruzar mares como um tema contemporâneo. É diante da atualidade do tema de Segall e, principalmente, pela atualidade do conflito intercultural que a realidade da migração descortina, que nos propomos a pensar o tema da cultura e, conseqüentemente, da interculturalidade a partir do pensamento de Michel Henry, buscando pensar tais temas a partir da condição ontológica que nos traspassa a todos, que é o nosso status de seres afetáveis e afetivos. Condição que é fruto da "auto-doação fundamental da qual a realidade fenomenológica é um *pathos*, uma afetividade"⁴.

A cultura como *chão comum da Vida*

A metáfora do *chão comum da Vida*⁵ é um elemento central para compreendermos a tese henryana de que a relação entre os humanos se baseia primordialmente no nosso nascimento comum como filhos da Vida. Este nascimento só pode ser lido a partir do conceito de *arqui-passibilidade* ou passividade radical, que é uma pré-doação passiva da vida aos viventes, do qual todo indivíduo humano, simplesmente por estar vivo, faz parte, gerando um fundo comum onde todo ser humano se movimenta e de onde toda cultura emerge.

Nossa capacidade ativa de ação no mundo deriva dessa arqui-passibilidade, desse agir primeiro da Vida em nós. A Vida⁶, um conceito-chave na feno-

² MARTINS, Florinda – *Recuperar o humanismo: para uma filosofia da Alteridade em Michel Henry*. Estoril: Principia, 2002, p. 141.

³ HENRY, Michel – *Palavras de Cristo*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Colibri; Fórum de Ideias, 2003, p. 95.

⁴ HENRY, Michel – *Auto-donation: entretiens et conférences*. Paris: Editions Beauchesne, 2004, p. 20.

⁵ Michel Henry usou a expressão "fundo comum".

⁶ Acerca do conceito de vida cf. HENRY, Michel – O que é isto a que chamamos vida?. In: MARQUES, Rodrigo Vieira, MANZI FILHO, Ronaldo (Orgs.) – *Paisagens da fenomenologia francesa*. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 199-213.

menologia de Michel Henry, é entendida por ele como um *em si puro* «que faz prova de si – *l'épreuve de soi* – na prova que cada um de nós faz dela»⁷. Nesse processo, sentimos-nos vivendo e, como afeto, somos revelados a nós mesmos, constituindo-nos na revelação da Vida a nós. A vida é uma subjetividade essencial da qual todas as demais subjetividades têm a sua origem.

Em *C'est moi la vérité*, o filósofo faz uso das estruturas próprias da teologia trinitária para explicar a relação dos humanos com a Vida, onde todo o vivente é gerado por meio da auto-doação da Vida-Absoluta, em que doar-se é revelar-se, é dar a si e nessa doação gerar.

Segundo a tese henryana, no movimento de doação de si, a Vida gerou o primeiro vivente, o arqui-Filho, por meio de quem os demais viventes têm acesso à vida. É isso o que nos explica Henry no capítulo 7 de *C'est moi la vérité*, denominado «L'homme en tant que "Fils dans le Fils"», no qual ele apresenta o ser humano como "Filho no Filho"; a partir de uma leitura da frase de Jesus: "Eu é que sou a porta" (João 10, 9), Henry demonstra que Cristo não é apenas a porta entre o ser humano e Deus, mas que a individualidade original do Arqui-Filho, por meio de sua essencial Ipseidade, é a porta para a nossa própria individualidade. Essa revelação situa-se no solo da afetividade⁸, pois é na afecção que a doação efetiva-se e nem mesmo o acesso aos demais *eus* nos é dado fora da vida e da afetividade que lhe é inerente, pois o outro é o que se me é dado como afeto, não sendo absolutamente outro, mas familiar. Esse chão comum conduz-nos à fraternidade da existência e, ao fazê-lo, permite-nos olhar para os humanos e encontrar nestes os movimentos próprios da Vida e a ação do poder que lhes foi doado.

Tendo esse nascimento comum como pressuposto, compreendemos a relação comunitária dos seres humanos a partir da condição ontológica comum a todos, que é o nosso status de seres afetáveis e afetivos. Isso faz do afeto o elemento constitutivo de nós mesmos, «no qual toda vida e toda modalidade da vida vem a si, se abraça ela mesma nesse Si vivo»⁹. Será partindo dessa noção de Vida e vivente que Henry define cultura como a autorrevelação da vida em seu autocrescimento, um cultivar da subjetividade consciente de si mesmo, de modo que a cultura, como explicou Henry:

⁷ MARTINS, Florinda – Michel Henry: interdisciplinaridade e tradição, In: *Anais do I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: fenomenologia, psicologia e teologia e III Colóquio Internacional de humanidades e humanização da saúde*. São Paulo: IPUSP, 2014, p. 93-120.

⁸ É importante salientar que *afeto* e *afetividade* não são palavras correlatas de sentimentos, antes o afeto antecede o sentimento como poder de sentir. A afetividade é uma experiência transcendental da Vida e, ao mesmo tempo, um sentir-se a si mesmo revelado no ego.

⁹ HENRY, Michel – *Encarnação: uma filosofia da carne*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 80.

não está presente somente sob suas formas superiores em toda sociedade que bebe da fonte secreta (assim como está ausente de nossa sociedade, que situa o princípio de sua organização fora da vida), ela impregna a comunidade humana em seus extratos subjacentes, ali onde a atividade responde a necessidades elementares, quer se trate da alimentação, do vestuário, da produção de "bens" em geral ou ainda das relações concretas dos membros da comunidade em si.¹⁰

Cultura é, portanto, o *conatus*, para usar uma linguagem spinoziana, no qual a subjetividade pura da Vida recoloca a si mesma num contínuo, produtivo e crescente movimento de doar-se a si mesma. É dessa forma que a cultura se torna a materialização da Vida subjetiva; por isso a tolice de separar vida e vivo só pode ser entendida como sintoma da barbárie que nos assola, segregando os humanos de forma a dissolver os laços que lhes permitem perceber o chão comum que une toda a humanidade como uma comunidade de mútua afetação. Diante dessa segregação, o desmoronar da percepção comunitária gera ilusão de superioridade de humanos sobre outros, como num sistema de castas, onde o trabalho e a intelectualidade são instrumentos de dominação e não de promoção da cultura.

A segregação e a *ilusão transcendental do Ego*

Quando o hiato entre os seres humanos predomina, num sistema de castas que categoriza os humanos e as manifestações da vida no vivo, o que temos é a *ilusão transcendental do Ego*, que nada mais é que o esquecimento de nossa condição de gerados na Vida. Nessa geração, que permite que tenhamos noção de nossa ipseidade, o ego tem a voz passiva, de forma que somos pura receptividade da vida e somente nessa receptividade tomamos posse dos poderes que nos habitam¹¹. Contudo, esse movimento da vida não se dá com alarde, mas no silêncio e na invisibilidade de sua arqui-doação, de forma que o ser humano, não percebendo essa auto-doação da Vida, recorrentemente esquece-se de sua condição de gerado e passa a falsificar o fundamento e a fonte de si. Esta fonte é «indevidamente atribuída ao ego que somente exercita os poderes que a si são doados»¹², de forma que, nesta

¹⁰ HENRY, Michel – *A Barbárie*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É realizações, 2012, p. 15-16.

¹¹ HENRY, Michel – *Eu sou a verdade: por uma filosofia do cristianismo*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega, 1998, p. 140.

¹² HENRY, Michel, 1998, p. 87.

ilusão, «o ego vive-se como o hiper-poder da Vida, transformando a doação em auto-geração»¹³.

Nesse processo, o humano é iludido pela crença de ser o gerador de si, e embrenha-se no pântano da hiper-preocupação consigo mesmo, um processo que o faz cada vez mais distante da Vida, como explica Henry ao dizer que «quanto mais o ego exerce o seu poder, aprofundando a sua experiência pela concreção do esforço despendido neste exercício, mais a si atribui a fonte do poder e mais se esquece da vida»¹⁴. Lutero, em seu conceito de *Incurvatus in se ipsum*¹⁵ (em latim: encurvado para dentro de si mesmo), fala do ser humano em pecado como num estado de ensimesmamento, preso numa visão umbilical e debruçando-se sobre si mesmo, o que faz com que se feche para os outros e para Deus. Quanto mais o ego se distancia da vida, mais se projeta para o que lhe é visível, externo, mundano.

Nesse ensimesmamento, preso numa visão umbilical, debruçando-se sobre si mesmo e fechado para os outros, o ego se distancia da vida, projetando-se para o que lhe é visível e externo. Ao se projetar rumo à exterioridade, a cultura, enquanto fruto da Vida, é objetivada, transformando-se em coisa, ou pior, em instrumento de dominação e distinção entre humanos. Mas a Vida, «invisível por natureza, radicalmente imanente e jamais se expondo numa “exterioridade” mundana»¹⁶, não suporta essa falsificação e, assim, a projeção para o que nos é externo atrofia nossa capacidade de compreender a lógica da carne e os saberes da vida, em suma, de compreender a cultura.

Sendo que «a relação dos seres humanos entre si passa pela relação de cada um com a vida»¹⁷ ao atribuir a si o poder que a Vida lhe confere, o ser humano, encaracolado na ilusão transcendental do ego, ignora a vida e, assim, esquece de sua condição de filho. Sem referência para além da exterioridade, ele não percebe o solo afetivo que dá sentido à comunidade humana e objetiva o seu semelhante num sentimento necrófilo que nega ao outro o *status* de nascido na vida, pois o ego imerso em ilusão não consegue reconhecer nenhuma fonte de vida além de si. É desta forma que a aparência ganha maior relevância que a substância das nossas vidas ao ponto de ocorrer a naturalização da

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ HENRY, Michel, 1998, p. 88.

¹⁵ Lutero, contrário à concepção anselmiana acerca da relação entre natureza e graça, acolhe o pessimismo agostiniano e traduz *cor incurvatum* (coração encurvado) de Agostinho por *homo incurvatus in se ipsum* (ser humano encurvado em si), numa clara afirmação da corrupção absoluta da natureza humana. Acerca desse posicionamento de Lutero, cf. LUTERO, M. *Obras selecionadas: O Programa da Reforma. Escritos de 1520*. Vol. II. 3.ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

¹⁶ HENRY, Michel, 1998, p. 88.

¹⁷ MARTINS, 2002, p. 152.

projeção da imagem desse *eu irreal* a toda comunidade. Para ele, já não é a imanência radical da vida que dá sentido à comunidade dos humanos, mas uma representação, concebida segundo a neurose de sua projeção, na qual os demais humanos não passam de objetos do mundo e nem mesmo a cultura foge desse «império da visibilidade».

Considerações finais

Em contrariedade a essa negação, Henry compreende que toda comunidade é uma comunidade de vivos, isto é, que a vida é essa realidade única e essencial da comunidade e de seus membros. Esta realidade é doada aos membros na auto-doação da Vida, na prova imediata de si, sem distância, de modo que a auto-doação da Vida é um dar-se a si mesma, de tal forma que o que ela dá de si jamais está separado dela, por pouco que seja¹⁸. Esse chão comum ou, como diria Henry, esse lençol de água afetivo subterrâneo do qual todos bebemos, «mas sem o saber, sem se distinguir de si mesmo, nem do outro nem do Fundo»¹⁹, é que nos permite compreender que a intersubjetividade não está fundada numa relação entre egos, mas na relação dos vivos com a Vida. Esse fundo comum faz com que os indivíduos nunca estejam isolados, pois somos atravessados pela Vida e pela sua pulsão, de forma que a força dela nos empurra em direção do outro, constituindo, assim, o fundamento de toda comunidade concebível.

A essência de toda comunidade é vida, e esta enquanto afetividade pura, enquanto experimentar-se a si mesmo. Como afirma Martins, «o corpo encerra uma alteridade que pode ser reconhecida no exercício dos poderes do meu corpo e é irreduzível a qualquer uma das minhas determinações sobre ele»²⁰; afinal, «nele reside a possibilidade última, não apenas de cada Si vivo, mas do *ser-com* o outro, de todos os Si(s) – presentes, passados e futuros»²¹.

Se nos reconhecemos como filhos da Vida, por meio da ipseidade original do primeiro filho, não teremos outro caminho para a nossa relação comunitária senão aquele que nos conduz ao aprisco do qual nos fala o evangelista João (João 10.1-15) e que Michel Henry retoma em *Eu sou a Verdade*. Nele, nos identificamos com o Arquifilho de tal modo que nossos olhos estão fitos nele

¹⁸ HENRY, Michel – *Fenomenología material*. Madrid: Encuentro, 2009, p. 199.

¹⁹ HENRY, 2009, p. 231

²⁰ MARTINS, Florinda; PEREIRA, Américo – *Michel Henry, o que pode um corpo?: contributos em língua portuguesa para um projecto internacional de investigação em rede*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010, p. 15.

²¹ HENRY, M., «Prefácio». In: MARTINS, 2002, p. 8.

(Hebreus 12.2) ao ponto de já não reconhecemos outro chão para a cultura que não a originalidade da arqui-doação da Vida. Nascidos na Vida, sem falsificar a origem de nós mesmos, não podemos conduzir o diálogo com os demais humanos nascidos também nela como se a cultura fosse um objeto da verdade do mundo²² ou como se as representações valessem como uma verdade final. No aprisco, a cultura já não é entendida a partir de um olhar de fora, num voyeurismo que mata a vida, mas como afetividade, como presença que não cinde, ao contrário, que se abre para a comunhão daqueles que encontram as fontes de vida no lençol de águas afetivas do qual todas e todos bebemos.

Referências

- HENRY, Michel – *Auto-donation: entretiens et conférences*. Paris: Editions Beauchesne, 2004. 297 p.
- HENRY, Michel – *Encarnação: uma filosofia da carne*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001. 382 p.
- HENRY, Michel – *Eu sou a verdade: por uma filosofia do cristianismo*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega, 1998. 277 p.
- HENRY, Michel – O que é isto a que chamamos vida?. In: MARQUES, Rodrigo Vieira, MANZI FILHO, Ronaldo, ed. – *Paisagens da fenomenologia francesa*. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 199-213.
- HENRY, Michel – *Phénoménologie de la vie: De la phénoménologie*. Tome I. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. 224 p.
- HENRY, Michel – *Fenomenología material*. Madrid: Encuentro, 2009. 228 p.
- HENRY, Michel – *A Barbárie*. São Paulo: É realizações, 2012. 211 p.
- LUTERO, M. – *Obras selecionadas: O Programa da Reforma. Escritos de 1520*. Vol. 2. 3.^a edição. São Leopoldo: Sinodal, 2015. 512 p.
- MARTINS, Florinda – *Recuperar o humanismo: para uma filosofia da Alteridade em Michel Henry*. Estoril: Principia, 2002. 173 p.

²² Ao elaborar sua filosofia do cristianismo, Henry apresentou dois conceitos de verdade: a *verdade segundo o Cristianismo* e a *verdade do mundo*. A segunda tem o seu olhar voltado para o horizonte de luz onde as coisas se mostram enquanto fenómenos. São as verdades contingentes, tendo o seu caráter de verdade atrelado ao seu aparecer, de forma que essa consiste no “puro ato de se mostrar”, como explica Henry: «podemos chamar a verdade “mostração”, “aparição”, “manifestação”, “revelação”» (HENRY, 1998, p. 23). Remetendo-se à Grécia e à raiz da palavra *fenômeno* (o que se mostra advindo na luz), Henry apresenta essa verdade que se manifesta na luz como a verdade do mundo, pois é “à luz do mundo” que se manifesta.

- MARTINS, Florinda; PEREIRA, Américo – *Michel Henry, o que pode um corpo?: contributos em língua portuguesa para um projecto internacional de investigação em rede*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010. 216 p.
- MARTINS, Florinda – Michel Henry: interdisciplinaridade e tradição. In *Anais do I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: fenomenologia, psicologia e teologia e III Colóquio Internacional de humanidades e humanização da saúde*. São Paulo: IPUSP, 2014, p. 93-120.
- MARTINS, Florinda; SALDANHA, Marcelo – Michel Henry, critérios de avaliação de uma obra de arte. *Revista da FUNDARTE*, 27: 14 (2014) 55-64.